

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 199

06 de abril de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Eu queria interromper a série de aulas sobre o Louis Lavelle e apresentar uma breve exposição sobre a situação internacional para que nós não fiquemos brincando de hotel do Apocalipse: discutindo filosofia enquanto o mundo explode ao nosso redor. É muito importante que vocês entendam o que está acontecendo. Acho que, pelo que tenho lido na imprensa, o número das pessoas capacitadas para entender isso é mínimo — para não dizer nulo —, porque, em geral, falta a perspectiva correta. Muitas análises que têm aparecido são certas em si mesmas, mas não conseguem articular os fatores dentro de uma perspectiva suficientemente ampla, de modo que os vários fatores em jogo apareçam em sua interação verdadeira.

Vocês devem se lembrar que, no meu debate com o professor Alexandre Dugin, minha preocupação foi, sobretudo, caracterizar os três agentes, os três atores principais do processo, que eram três esquemas globalistas — um que nós podemos chamar de Ocidental ou euro-americano, outro russo-chinês e outro islâmico. Cada um movido por discursos ideológico diferentes e, portanto, representando valores diferentes. Basicamente, o euro-ocidental representando a mentalidade moderna, cientificista-materialista; o bloco russo-chinês, representando o bom e velho marxismo; e o Islã representando, sobretudo, a ideologia revolucionária de Said Qutub. Pode-se discutir, evidentemente, qual é a relação entre esse Islã revolucionário e o Islã tradicional, mas, para mim, essa discussão é puramente acadêmica, porque hoje em dia praticamente não há outro Islã a não ser aquele representado por essas facções revolucionárias. É claro que existem pessoas, indivíduos, ou pequenos grupos que têm outra visão das coisas — que acreditam ser mais tradicionais —, mas isso é politicamente e historicamente irrelevante.

É claro que identificar os três atores é o passo preliminar a qualquer análise possível, mas acho que agora podemos entender alguma coisa a mais a respeito do *modus operandi* — ou seja, o que eles estão fazendo, o que está acontecendo no mundo. Em vez de tomar como ponto de partida os acontecimentos da semana — que é todo esse barulho em torno da Coreia —, eu partirei de uma direção completamente diferente, utilizando, então, algumas análises que foram feitas do ponto de vista econômico por dois excelentes analistas econômicos aqui dos EUA. Um deles é James Rickards, neste livro *Currency Wars: The making of the next global crisis* (As guerras da moeda). O outro é o Porter Stansberry, que vocês podem encontrar facilmente na internet — há

uma longa gravação feita por ele expando o seu ponto de vista, de por que ele acha que o dólar cairá nos próximos meses. Só que há uma diferença: eles parecem acreditar que essa queda do dólar, essa crise da economia americana representará um grande perigo para o atual governo americano. Porter Stansberry chega a conjecturar se será esse o fim do Barack Obama, mas não é assim que estou vendo as coisas. Mas, de qualquer modo, aproveitarei as análises deles, que parecem muito bem feitas — depois vocês podem conferir no site do Porter Stansberry ou mesmo comprando o livro.

A coisa é mais ou menos assim: desde os famosos acordos de Bretton Woods, os EUA são o único país do mundo cuja moeda não precisa ter lastro porque o dólar é aceito universalmente como moeda de troca — importação e exportação —, então o valor dele está garantido automaticamente. O governo pode imprimir quanto dinheiro ele bem entender sem que isso cause, necessariamente, a desvalorização da moeda. Acontece que, nos últimos anos, os EUA vêm se endividando cada vez mais. Até 1970, os EUA eram o maior credor do mundo; agora é o maior devedor: a dívida vai para muitos trilhões e só na primeira gestão do Barack Obama ela duplicou. Isso acaba criando uma situação cujo resultado é bastante previsível. Os outros países começam a conjecturar se não seria vantagem livrar-se do dólar. O dólar como moeda internacional significa o seguinte: se, por exemplo, a Austrália quer comprar uns tratores da Alemanha, ela não pode comprar direto da Alemanha; ela tem de, primeiro, comprar os dólares e depois usá-los para pagar os tratores. Mais recentemente tem surgido uma tendência geral de abandonar o dólar como moeda internacional e usar ou as moedas locais mediante acordos bilaterais, ou fazer um *pool* de várias moedas, ou mesmo criar uma nova moeda internacional. Isso quer dizer que, a partir desse momento, a garantia do dólar — que é o comércio internacional — acaba e, naturalmente, o dólar se desvaloriza.

Então, numa circunstância normal — quer dizer, numa democracia onde vigora lei e ordem e o processo político corre normalmente —, uma crise econômica geralmente provoca a queda do governo. Vamos supor que fosse uma crise interna na Inglaterra, por exemplo. A moeda desvaloriza, aumenta o desemprego, há uma crise geral e normalmente o governo é derrubado. Na Inglaterra é muito fácil derrubar um governo: simplesmente se troca o Primeiro Ministro. Mas as coisas não são bem assim nos EUA. Por outro lado, vemos que muitas nações que estão mais interessadas em livrar-se do dólar como moeda internacional já têm acordos — existe até um acordo da China com a Austrália, que não usam mais o dólar; parece que a China e a Arábia Saudita também não usam. Há vários países que estão fazendo acordos bilaterais. Mas existe um grupo de nações que é o chamado BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) que tem o seu próprio projeto globalista. Na verdade, é o projeto russo-chinês. Falamos BRICS, mas isso é quase um eufemismo; na verdade é Rússia e China. O resto não pode absolutamente nada, ainda que tenha algum vigor econômico — como, sem dúvida, o Brasil, a Índia e a África do Sul têm — mas, militarmente eles não são nada comparados com Rússia e China. Então o BRICS não é nada mais que o esquema russo-chinês maquiado, como, aliás, é coisa tradicional na política soviética: camuflar-se sobre o aspecto de terceiro-mundismo. Havia até o bloco dos países não alinhados, que na verdade estavam todos alinhados com a União Soviética; nos anos 60 houve essa conversa dos países não-alinhados. Porém, “não-alinhados” queria dizer que estavam afinados com a União Soviética. Então o BRICS é mais ou menos a mesma coisa do ponto de vista da sua fachada. E a idéia do BRICS é criar uma nova moeda internacional, um Banco Central Mundial que substituiria o Fundo Monetário Internacional e faria, então, circular

uma nova moeda — o que significa, automaticamente, um governo mundial sediado na ONU. Isso já está num processo bem adiantado. Quando vocês lerem os comentários americanos, eles enfatizam muito a ausência de unidade dos planos do BRICS, dissensões e discordâncias internas etc., mas isso, para quem tem alguma prática da história do movimento comunista, não significa absolutamente nada. O movimento comunista está dividido desde o seu primeiro dia e a divisão interna é, freqüentemente, um dos meios pelos quais ele cresce e se desenvolve; inclusive a divisão é aproveitada como um artifício pelo qual podem seguir duas ou três políticas diferentes, todas convergindo para o mesmo resultado.

A ascensão do BRICS e da nova moeda internacional é, evidentemente, a queda da economia americana. Como estão os EUA reagindo a isso? O governo Barack Obama tem se preocupado com duas coisas: (a) primeiro em aumentar a dívida, portanto fomentar essa mesma crise, (b) segundo, cortar o orçamento das forças armadas, debilitá-las justamente no momento onde há pelo menos duas ameaças de agressão - uma por parte do Irã e outra por parte da Coreia - e, ao mesmo tempo, está fortalecendo formidavelmente os mecanismos policiais de controle interno. Vocês devem ter ouvido falar desta monumental compra de munições por parte do Homeland Security. Até duas semanas atrás era um bilhão e seiscentos milhões de rodadas de balas hollow point, que são proibidas para uso militar, portanto não podem ser usadas internamente contra a própria população local. Também compraram carros de assalto e depois, essa semana, houve mais compra de munições e mais compra de armamentos, sobretudo a compra do fuzil que eles querem proibir, como o AR-15. Compraram uma multidão de fuzis deste tipo e ainda disseram que era para a defesa pessoal dos seus agentes — justamente quando o governo diz que o fuzil AR-15 jamais pode ser usado como arma de defesa pessoal e que ele é eminentemente uma arma de ataque.

Tudo isso mostra que o governo está perfeitamente ciente da crise econômica que virá, está ciente da queda da economia americana que se anuncia eminente. Eles estão preparados não para a crise econômica, mas para a crise social decorrente, portanto, isso quer dizer que a queda do dólar já é aceita pelo governo americano como uma fatalidade: uma coisa que vai acontecer mesmo e o que interessa não é tirar o país do buraco, mas simplesmente defender o governo contra a pressão e a crise social interna. Isso quer dizer que o nosso amigo Barack Obama está perfeitamente inserido dentro do esquema do BRICS, e não deixa de ser curioso que o próprio Fundo Monetário Internacional andou recomendando a troca do dólar por uma nova moeda internacional. Então, é claro que no discurso do BRICS — assim como no discurso do professor Alexandre Dugin — toda esta coisa aparece como se fosse uma nova Nova Ordem Mundial, uma outra ordem mundial, um outro mundo possível, que então se oporia à presente ordem mundial chefiada pelo Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, ONU etc., quando, na verdade, não é nada disso. Todo esse esquema globalista ocidental está favorecendo essa ascensão do BRICS, que não existiria sem investimento ocidental. E, sobretudo, quando nós vemos que esta elite globalista ocidental apóia o Barack Obama incondicionalmente quando, evidentemente, a política dele está voltada mais para fortalecer o BRICS e quebrar a espinha da economia americana do que para qualquer outra coisa, então vemos que essa competição entre dois esquemas globalistas é mais fingida do que real. Parece que neste ponto os dois grandes esquemas - russo-chinês e o esquema ocidental - se uniram para criar realmente uma nova ordem mundial do dia para a noite, centrada na ONU (praticamente oficializada como governo mundial) e fazer isso em cima do cadáver da economia americana — como, aliás, eu vinha dizendo há

muito tempo; eu só não tinha entendido a rapidez com que essa coisa podia acontecer. O esquema está praticamente pronto e creio que, se não houver nenhum imprevisto, estará funcionando em breve. Mas pode haver imprevistos porque esse esquema globalista já falhou várias vezes; na verdade eles contavam em ter um governo mundial na década de 80 do século passado e não a criaram até agora. Então pode haver um contratempo, mas, se não houver nada, em menos de um ano este esquema estará funcionando e a economia americana começará a entrar num declínio sem precedentes.

No sentido contrário, existe o fato de que as reservas americanas de xisto betuminoso são as maiores do mundo e, até um tempo atrás, o processamento dele para transformá-lo em petróleo era algo muito complicado. Mas agora há a tecnologia para isso e é possível que a abertura e exploração dessas reservas de xisto betuminoso levem a economia americana de uma maneira extraordinária. Seria um processo similar e até maior do que aquela explosão de riqueza que houve quando se descobriu o petróleo entre os séculos XIX e XX. É possível que isso ocorra e que mude completamente a direção das coisas. A mim parece que o governo Barack Obama está preparado para as duas eventualidades:

- (a) Para tirar proveito da destruição da economia americana, implantando, portanto, uma ditadura e se aproveitando da própria crise social para se fortalecer - porque as crises sociais derrubam um governo democrático, mas fortalecem as ditaduras - e ele está fazendo de tudo para fortalecê-la.
- (b) E, também está preparado para outra eventualidade, do crescimento, da recuperação econômica americana, da qual ele, sem ter mérito nenhum, apareceria como o grande beneficiário, como o homem que salvou a economia americana.

Acho que ele está pronto para as duas eventualidades. Não por coincidência o economista Porter Stansberry já fez duas análises, na verdade contraditórias — uma num sentido e outra no outro —, mas me parece que ambas fazem muito sentido. É possível tanto uma coisa quanto a outra: (a) é possível a queda total, a crise social e a ditadura americana concomitante a esta Nova Ordem Mundial centrada na ONU — na qual a ordem, segundo declaração dos próprios porta-vozes do BRICS, será assegurada por grandes empresas estatais dos vários países, que serão os elementos fundamentais, os propulsores da economia; então, é claro, teremos uma Nova Ordem Mundial socialista; (b) e é possível também a recuperação da economia americana.

Como esse panorama entra no meio da história deste problema da Coreia? A mim parece que o esquema russo-chinês está usando a Coreia como elemento diversionista — envolver os EUA num conflito que não faz o mais mínimo sentido, mantê-lo ocupado, desgastá-lo para apressar a queda da economia americana. Isso é bem possível. Também existe uma segunda possibilidade de que os russo-chineses estivessem usando a Coreia nesse sentido e que a glória subiu à cabeça do Kim Jon-Il e ele decidiu agir por conta própria e, por assim dizer, escapou do controle do esquema — essa é outra possibilidade —, repetindo uma situação que aconteceu com Cuba nos anos 60. Depois que os russos instalaram aqueles foguetes em Cuba, a glória subiu à cabeça do Fidel Castro e ele começou a ter iniciativas por conta própria, escapando, por assim dizer, do controle russo. Escapar do controle não quer dizer que estava agindo contra; o movimento comunista, sempre ressalto isso, tem um acelerador e um freio, e está sempre usando os dois. E justamente dessa tensão entre esses dois movimentos é que o esquema comunista tem

progredido sem parar, na verdade. Quando parece que pára, como aconteceu no caso da queda da União Soviética, ele pára em um sentido, mas começa a atuar em outro. A queda da União Soviética foi acompanhada não de um decréscimo, mas de um crescimento formidável do movimento comunista internacional. É outra coisa extraordinária notar que praticamente toda a bibliografia americana sobre o comunismo sempre interpreta o movimento comunista como um braço do estado soviético ou do estado chinês — o que me parece um erro metodológico formidável, porque o movimento comunista antecedeu em mais de meio século o surgimento da União Soviética e de quase um século o surgimento da China comunista. Então ele, o movimento comunista, tem a sua dinâmica própria, e não depende dos estados que ele mesmo cria, pois esses estados são instrumentos provisórios. Na verdade é uma loucura considerar o movimento comunista um instrumento da União Soviética; é ao contrário: a União Soviética era um instrumento do movimento comunista. Conforme mostrou o Anatoly Golitsyn no livro *New lies for old* (“Novas mentiras no lugar das velhas”), o movimento comunista soube sacrificar aquele edifício que tinha construído em favor do crescimento do movimento enquanto tal, dotado, agora, de novas estratégias — inspiradas em parte em Antonio Gramsci, mas não só nele — e dotada de uma flexibilidade muito maior, portanto tendo abdicado daquela unidade doutrinal monolítica que havia antes para aceitar formas de ação muito mais diversificadas e, portanto, muito mais incontrolláveis. Contribui para isso também o fato de que verbas imensas da KGB foram espalhadas pelo Ocidente — em milhares de firmas “laranja”, de fachada — de modo que a situação se tornou tão nebulosa, tão mesclada que é difícil identificar onde está a ação do atual esquema russo e onde há uma coisa completamente diferente. Não para saber o que são essas firmas, o que é a máfia russa, o que é o governo russo — é tudo uma confusão dos demônios. Aparecem no cenário milhares de novos agentes que não sabemos de onde vieram. Às vezes as pessoas usam termos como “os oligarcas”, “a máfia russa” etc..

Aqui nos EUA o pessoal sempre gostou de explorar divisões internas do movimento comunista como se elas fossem uma coisa catastrófica. Por exemplo, o que se escreveu sobre o famoso conflito sino-soviético — conflito que nunca existiu e que nunca teve o menor efeito em coisa nenhuma. Durante todo o conflito sino-soviético não parou de haver contato entre os dois governos, viagens de diplomatas, acordos bilaterais etc., tudo continuou normal. O conflito sino-soviético só existia na mídia ocidental. Do mesmo modo, o conflito entre o governo russo e os oligarcas, ou o governo russo e a máfia — tudo isso nós temos de olhar com certa dúvida. Não podemos negar, mas também não devemos acreditar completamente. Enquanto não conseguirmos mapear todos esses agentes e saber quem é quem, é melhor olhar tudo isso com certo ceticismo.

Dentro dessa situação, como é que fica o Brasil? Nós sabemos que estamos na eminência de uma crise constitucional por causa dos condenados do mensalão. Nenhuma das sentenças foi executada até este momento e agora, inclusive, está começando uma investigação — a promotoria pede uma investigação sobre o envolvimento do Lula — e é possível que haja uma queda de braço entre o Supremo Tribunal Federal e o Executivo, sendo que neste caso o Supremo Tribunal Federal deverá recorrer às Forças Armadas para fazer cumprir sentenças, e então teremos uma situação que será caracterizada como um golpe militar. Porém, dentro do cenário internacional, se houver um golpe militar, se eles assumirem o poder e derrubarem o PT, prenderem todos os mensaleiros etc., não muda absolutamente nada, porque o Brasil continuará

inserido dentro do esquema do BRICS apenas com outros agentes que roubarão menos em benefício próprio e levarão mais a sério o novo esquema socialista antiamericano internacional.

Então essas são as perspectivas. A única possibilidade de mudança do rumo dos acontecimentos é esta recuperação da economia americana graças ao xisto betuminoso ou a uma intervenção divina. Porém, as intervenções divinas geralmente não acontecem quando as pessoas estão pedindo para não acontecer. Eu, sinceramente, não acredito que o novo papa compreenda a situação — pelo menos nesses termos. Aliás, eu não vi isso explicado desta maneira em parte alguma. Mesmo as análises econômicas melhores, como a do James Rickards e do Porter Stansberry, ainda há uma visão da política americana como se fosse uma competição normal democrática, quando, evidentemente, a situação aqui já é muito anormal. Há um esquema de proteção construído em torno da pessoa do Barack Obama, de modo a permitir que um total desconhecido, sujeito sem documentos e que não se sabe de onde surgiu, continue na presidência com poderes superiores aos que qualquer outro presidente teve até em tempos de guerra. Essa medida executiva que ele passou, que lhe permite executar qualquer cidadão americano sem processo, sem direito de *habeas corpus*, sem coisa alguma, que lhe permite prender ou matar qualquer um, é uma coisa que nem em tempo de guerra existiu. Ele está com poderes aumentados que lhe permitem fazer isso e lhe permitem tomar de qualquer cidadão o estoque de comida que ele tenha guardado ou quaisquer metais que tenha acumulado. Em face da crise, muitos dizem que vão investir em ouro, prata, nisto ou naquilo. Mas não adianta nada, porque o governo pode tomar tudo a qualquer momento. Toda a possibilidade de autodefesa do cidadão está legalmente bloqueada. Eu não sei se o Barack Obama tem meios policiais para fazer valer todo este poder que ele se arrogou, mas, pelo menos, ele tentará.

Muitas vezes vemos que essa arrogância do governo funciona em sentido contrário, como, por exemplo, nesse caso do desarmamento. Existem dois ou três estados que aderiram a esta coisa desarmamentista, mas a maioria não está nem ligando e todas as medidas desarmamentistas que foram tomadas até agora pelo governo estão sendo solapadas em nível local por processos — por via judicial o pessoal as bloqueia e tudo continua como antes, todos conservam suas armas e só desistem delas quem quer. Então, o poder do governo federal não é tanto quanto parece. O simples fato de ele arrogar este poder já é evidentemente alarmante e, principalmente, porque o agente que está fazendo isso é o sujeito que tem o direito de permanecer anônimo, escondido por trás de tudo. É um fato inédito na história do mundo: ninguém pode saber quem é o sujeito. Outro dia vi a entrevista do Mike Zullo, aquele investigador do Joe Arpaio, e ele diz que no primeiro relatório que apresentaram disseram que havia *probable cause* — há motivos suficientes para iniciar uma investigação. Agora não é mais *probable cause*: agora temos a prova material definitiva de que tanto a certidão de nascimento quanto o alistamento militar e o *social security* do Barack Obama são falsos. Na verdade, o Zullo disse que não há um só documento do Barack Obama que não tenha problemas. Isso quer dizer que ninguém sabe quem é o sujeito e, na verdade, há um cerco para que ninguém investigue, que ninguém fique sabendo nada. É um acontecimento inédito na história.

É evidente que o esquema construído para proteger esse indivíduo é muito grande e vasto, e é de tipo tentacular: ele chega até juízes do interior, testemunhas etc.; estão conseguindo calar praticamente todo mundo. É uma situação muito anormal que já configura um quadro, evidentemente, ditatorial. Eu acho que nas duas situações — da crise econômica ou da

recuperação — o Barack Obama inventará um jeito de se sair bem, a não ser que esta coisa dos documentos acabe estourando. É possível que estoure porque agora há um processo rolando na suprema corte do Alabama, que é presidida pelo Roy Moore, o qual não é alguém de se deixar intimidar. Então é possível que através do Alabama a coisa estoure. Mas, vejam, as possibilidades de desenvolvimento da situação são uma coisa e o esquema da situação que já está montado é outra. Essa coisa do BRICS e da nova moeda internacional já está montada e não é uma questão de “se”, mas de “quando”. Mais dia menos dia teremos uma nova moeda internacional e o dólar cairá; isso é quase impossível que não aconteça.

Essa é a situação na qual estamos e vocês no Brasil, na melhor das hipóteses, terão também um Brasil integrado na Nova Ordem Mundial socialista, seja pelas mãos dos atuais cleptocratas, seja pelas mãos dos nossos honestos militares. Esta é a situação.

Vamos fazer uma pausa e daqui a pouco voltaremos.

[INTERVALO]

Vamos retomar aqui. Antes mesmo de ler as perguntas que chegaram, eu queria pedi-los que, se possível, estudem a história dos anos 30, quando a convicção de que as democracias eram inviáveis e de que algum tipo de governo totalitário seria a única solução possível para a economia do mundo se espalhou por toda parte, com mais intensidade até do que hoje. Até naquela época se tornou difícil defender o regime democrático do ponto de vista ideológico, mais ainda impossível de defendê-lo do ponto de vista econômico. Seria muito interessante se vocês lessem — aqueles que têm interesse em economia — este livro do Bernard Lonergan, *For a New Political Economy*, que foi um esforço gigantesco feito por ele para re-equacionar a economia em termos compatíveis com a democracia, justamente em resposta a essas tendências que na época obtiveram um sucesso enorme. Os argumentos usados na época são, substancialmente, os mesmos usados hoje — esse pessoal do BRICS está trazendo de volta toda esta argumentação novamente —, de modo que é bem possível que este poder globalista que eles estão planejando realmente chegue a se instalar. O que é duvidoso é que ele consiga durar. Quanto tempo durou a União Européia como uma unidade funcional? Alguns poucos anos, na verdade, e já está indo para o buraco. Quanto maiores essas unidades, mais difíceis de administrar elas são e mais utópicos são esses planos. Se a economia centralizada já afundou na União Soviética, como é que não afundará em escala global? O problema não é eles conseguirem dominar o mundo — o problema é justamente não conseguirem e deixar atrás um rastro de miséria, destruição e sofrimento. Isso tudo vai acontecer diante de nós. Não parecemos ser uma geração mais afortunada do que aquela que assistiu à última guerra. Justamente por isso, nesse momento é mais importante do que nunca que vocês cultivem o espírito da filosofia, porque alguém terá de compreender o que estará acontecendo. Quer dizer, no meio do caos geral, da loucura geral, vocês precisam ter alguns pontos de referência para que a humanidade não caia na sua última degradação. Tem de haver, pelo menos, testemunhas acordadas que compreendam o que está acontecendo. É claro que vamos sofrer também, mas não vamos sofrer como bichinhos inermes. Temos de conservar a dignidade humana no meio disso, e a dignidade humana está, sobretudo, na sua consciência, na sua capacidade de entender o que se passa, de entender a raiz do sofrimento e dar um sentido no fim das contas a tudo o que acontece. Eu não esqueço da profecia de Fátima que diz que o comunismo será espalhado pelo mundo todo. Parece que isso vai

acontecer pelas vias mais impremeditadas possíveis. O proletariado que vai instaurar a Nova Ordem socialista é constituído de banqueiros, governantes etc., algo extraordinário.

Então, por uma via ou outra a coisa parece que vem mesmo. Não sabemos quanto tempo ela durará e até que ponto a ação deles penetrará na vida particular e íntima de cada pessoa. O que posso lhes garantir é que as pretensões são sempre muito maiores do que as realizações e, de alguma maneira, a liberdade humana é incontrolável. Isso realmente não é possível. Pelo lado dos meios de controle, vejo que hoje em dia o sonho de uma boa parte dessa elite acadêmica ocidental é uma ditadura científica. Esse sonho está mais centrado aqui nos EUA, na elite acadêmica americana, do que no pessoal do BRICS. Se dependermos de um camarada como o Daniel Dennett, por exemplo, então todos seremos apenas um aglomerado de moléculas que deve poder ser programado desta ou daquela maneira. De modo que, como eles acreditam que a liberdade interior do ser humano já é ilusória, então eliminar uma ilusão não deve fazer mal para ninguém.

No entanto, nós aqui que temos estudado estes textos do Louis Lavelle, temos uma idéia do que é a efetiva liberdade humana. Nós temos alguma idéia até do que poderia ser aquilo que eu chamo — num termo que não é do Lavelle, mas meu — o *eu substancial*: aquele *eu* que é permanente, que está subentendido por baixo de todas as mudanças. Procurem a apostila chamada “Breve comentário a um parágrafo de Louis Lavelle”. Eu deixei de comentar aqui a parte final. Acho que vocês todos devem ter isso aí. Digo o seguinte:

“As proposições de 3 a 5 esclarecem aquilo que, no curso sobre a Paralaxe Cognitiva, tentei explicar sobre Kant.”

Tentem localizar isso na página do Seminário. Expliquei essas nove proposições que escrevi a respeito do Louis Lavelle e deixei de comentar esta parte final.

“Como é possível que, persuadido de que nada conhecemos dos seres senão a sua aparência fenomênica, o filósofo tente comunicar esse pensamento sem que o seu próprio eu pensante e falante tenha de admitir imediatamente que ele próprio não é senão uma aparência fenomênica, encobrendo pensamentos que no seu incognoscível “eu em si” talvez sejam completamente diversos (...)”

Ou seja, se chegamos a acreditar realmente que tudo o que nós apreendemos das coisas é apenas a sua aparência fenomênica sem um númeno, sem uma substância por trás ou pelo menos sem ter certeza que a substância existe ou não, então não temos como deixar de aplicar essa precaução a nós mesmos. “Bem, eu também sou apenas uma aparência fenomênica. Mas se eu sou apenas uma aparência fenomênica, pode ser que os meus pensamentos no fundo do meu eu em si sejam completamente diferentes daqueles que eu estou enunciando em voz alta neste momento.” Até hoje eu sinceramente não compreendo como Kant não fez esta pergunta para si mesmo. Se tudo que nós conhecemos são aparências fenomênicas, eu também sou aparência fenomênica e o meu *eu em si* é inalcançável até para mim, quanto mais para os outros. Portanto, por mais que eu explique a minha filosofia, o sentido último dela deve escapar às pessoas, porque se até a substância íntima de um elefante escapa à nossa visão, quanto mais escapará uma coisa muito mais sutil que é a intenção central da minha filosofia. Quando pergunto por que Kant não fez

essa pergunta, por que ele não aplicou a si mesmo esse critério, eu acredito que ele estava de algum modo sob o encantamento do cogito cartesiano — daquele instante em que Descartes diz que o *eu penso* tem absoluta segurança de si naquele instante. Mas quanto dura esse instante? Na verdade o *eu pensante* de Descartes não é um *eu* ao qual se possa ter acesso pela experiência; ele só existe como conceito. Aquilo a que realmente temos acesso pela experiência é o *eu substancial*. Você pode se vivenciar a si mesmo como uma consciência independente de tempo e independente do seu próprio passado — pode fazer isso agora mesmo — e experimentar a sua liberdade em ação: “não estou obrigado a fazer nada que o meu passado me imponha, posso mudar de direção agora mesmo, posso fazer uma coisa absolutamente inédita”.

Quando era criança, você não tinha passado. Isso quer dizer que você não se fechava dentro da sua mente para recordar o seu passado infeliz — todas as coisas ruins que lhe aconteceram e todas as impossibilidades e obstáculos que se abateram sobre você. Não tinha nada disso. Você vivia a plena liberdade de criar a situação naquele momento mesmo. E você não pode fazer isso novamente? Claro que pode! É só consentir, largar, renunciar ao peso do seu passado. É um peso que carregamos porque queremos. De fato precisamos dele para outros fins — para nos orientar no tempo, na história etc. —, mas ele não tem porque ser um peso determinante sobre as nossas ações. Se o passado fosse inteiramente determinante sobre as suas ações, então você não poderia jamais ter começado, só poderia ter continuado. Esta criatividade e espontaneidade da infância prova que as coisas não são assim — as crianças não têm um passado ao qual têm de se reportar, então podem se inventar a cada momento. Nós podemos fazer isso agora mesmo e eu sugiro que vocês o façam ao rezar. Aquele que reza tem de ser o seu *eu livre*, pois se entrar o passado entrará o pensamento, entrará aquele discurso interior de acusação e defesa, aquela confusão toda, e melará tudo.

A partir do momento em que o Descartes confunde este conceito de *eu* que ele tem com o *eu substancial* — ele acredita que isto é o *eu substancial* —, evidentemente este *eu* se torna automaticamente acessível. É o que se vai ver no Kant. Aí acontece o que já havia profetizado Giordano Bruno, quando ele dizia que se começamos a duvidar de Deus, Deus acabará duvidando que nós mesmos existimos. Isso de fato acontece. No século XX, o fenômeno acontece, sobretudo, na literatura: a dissolução da consciência do personagem. Isso aparece claramente em Proust, em Kafka, em William Faulkner. E depois que aparece na literatura, logo aparece na ciência. Está aí o exemplo de Daniel Dennett dizendo que de fato a nossa liberdade interior é uma ilusão, nosso eu é uma ilusão, e que só o que existe são moléculas em movimento. Eu acredito que aquilo que de certo ponto de vista são moléculas em movimento, em outro ponto de vista sou eu. E eu não vejo por que um ponto de vista deva ser privilegiado em relação a outro.

Justamente essas épocas de crise, de derrubada de todos os valores e pontos de referência, assinalam o momento em que, mais do que nunca, você tem de se apegar nesse *eu substancial*, pois ele é a única coisa que existe. É ele que está diante de Deus. Se você pensa que comparecerá diante de Deus com todo o seu passado e todos os seus pensamentos, você está muito enganado. O que você levará é realmente a sua liberdade e, no fim das contas, é você mesmo que escolherá o seu destino. No livro do Monsenhor de Segur, *O Inferno*, todos os condenados ao inferno acreditam que a sentença baixada para eles foi justa, como se eles próprios a tivessem baixado.

A experiência da liberdade humana é também a experiência da abertura de uma dimensão infinita, para cima e para baixo. Isso às vezes pode nos infundir certo temor — é como se fossemos sair de uma dimensão presente e entrar em outra. Mas eu lhes digo: sim, nós sempre estivemos nessa outra, e quando éramos crianças sabíamos disso. Quer dizer, você não estava vivendo dentro de uma situação na qual dominava mentalmente — isso é importante, porque nos reportamos ao passado porque acreditamos que o dominamos, que o entendemos, que temos um controle intelectual da coisa. Porém uma criança não vive dentro dessa referência, ela vive dentro de um espaço físico que não domina, mas que explora. Ela não tem um mundo na cabeça; ao contrário, está metendo a sua cabeça dentro do mundo. E nós, a qualquer momento, podemos voltar a tomar consciência disso. Não podemos viver nisso permanentemente, porque o passado existe e é uma parte importante da realidade, mas ele não tem esse poder de apreensão sobre nós que nós costumamos imaginar. Existem muitas situações nas quais agimos imediatamente sem referência ao passado. Por exemplo, suponha que você esteja praticando a corrida. É absolutamente impossível fazer esse esforço físico e estar concentrado em um pensamento do seu passado ao mesmo tempo. Não dá para fazer, pois você está inteiramente voltado para o presente. E não se pode dizer que você está inconsciente; você está perfeitamente consciente da sua presença. A noção da presença é a noção fundamental da filosofia de Louis Lavelle. É da nossa própria presença, perante um mundo que efetivamente existe e, assim como você pode ter essa experiência no plano físico, você pode ter a experiência da sua liberdade espiritual (que já é um grau acima disso) quando se vivencia como senhor absoluto dos seus atos — quer dizer, nada me obriga a fazer nada neste momento, eu que estou inventando isto e sou eu que estou fazendo isto. Quando você está nesta consciência de liberdade, é aí que é a situação propícia para se estar diante de Deus. A liberdade não pode ser explicada por fatores que a condicionam, é exatamente ao contrário; o conjunto das determinações naturais, físicas, temporais, históricas e etc., não podem lhe dar a liberdade e, no entanto, você experimenta a liberdade como uma realidade existente. Então, ela só pode vir de uma fonte que não está condicionada a nada disso: a liberdade só pode vir da liberdade, a sua liberdade vem da liberdade Divina. Então é aí que você tem uma idéia do que queriam dizer com “caminhar diante de Deus” na Bíblia.

Tudo isso não é uma teoria, é uma experiência que você pode fazer. E, de fato, a grande vantagem de estudar a filosofia de Louis Lavelle é que ela não é só uma doutrina, ela é uma dialética efetiva da vida espiritual. Pretendo, nas próximas aulas, insistir nisso e mostrar isso de maneira cada vez mais clara de tal modo que, numa situação como a presente, na qual você não tem a que se apegar no mundo, você perceba pela primeira vez a existência e o valor da liberdade que ninguém pode lhe tomar. Enquanto estiver nisso você estará na realidade e já terá uma vaga idéia do que pode ser a vida numa outra escala, na escala da eternidade. É uma vaga idéia, é apenas um espelho obscuro — como dizia o apóstolo —, mas já é alguma coisa. Se alguém esperava levar daqui algo mais além disso, está enganado, pois isso é a única coisa que alguém levará.

Vamos a algumas perguntas.

Aluno: Poderia fornecer algumas referências de trabalho sério sobre os Illuminati?

Olavo: A obra clássica sobre isso ainda é a do abade de Barruel (Augustin Barruel), *Memórias para a contribuição à história do jacobinismo*. Existem edições mais recentes, existe uma

tradução inglesa completa e creio até que o texto inteiro exista na internet. Acho que é uma obra básica, a primeira que você tem de ler. Depois, sugeriria que você lesse o livro do James Billington, *Fire in the Minds of Men*. E, se você tiver acesso, pois é um livro muito difícil de se achar, leia *A face oculta da história moderna* (*La face cachée de l'histoire moderne*), de Jean Lombard Coeurderoy. Deste último existe uma tradução espanhola, acho que até uma edição francesa atual. É uma obra em quatro volumes. Acho que a edição francesa atual só soltou dois volumes, mas a espanhola ainda tem os quatro. Vai dar muito trabalho para encontrar esta obra, mas vale a pena.

Aluno: O Vladimir Safatle escreveu um artigo chamado “A perda da hegemonia” no qual ele diz que a esquerda perdeu a hegemonia cultural no Brasil. O senhor acha que isso é um caso de Paralaxe Cognitiva ou ignorância mesmo?

Olavo: Olha, na verdade não sei, mas essa impressão que ele tem de perda da hegemonia é, na verdade, perda do controle intelectual da situação. Até um tempo atrás eles tinham não só o domínio dos meios, mas a visão que eles tinham da sociedade correspondia mais ou menos ao que estava acontecendo, porém agora eles não sabem mais. Ele está usando a expressão errada: eles têm a hegemonia no sentido material da coisa, eles têm o controle dos meios, mas obviamente eles também não estão entendendo o que está acontecendo. Se sentem perdidos, mas como é próprio das pessoas envolvidas nesse tipo de coisa, eles têm a sintomatologia histérica: o histérico acredita não naquilo que vê, mas naquilo que sente. Quando ele diz que acabou a hegemonia significa que ele não está sentindo a hegemonia, que não sente que eles a tenham. E se ele não sente que tem, então realmente está fora da situação material; a situação psicológica que ele está vivendo não corresponde à realidade da situação material. Mas, se é assim, provavelmente a situação material mudará daqui a pouco. Isso quer dizer que ele não tem mais o controle intelectual da situação.

Por exemplo, quando observamos a coleção da velha revista *Civilização Brasileira*, que saiu a partir de 1964 logo depois do golpe, os comunistas se juntaram e concluíram que deveriam pensar para entender o que havia acontecido, de onde havia vindo a pancada etc. O nível de elaboração intelectual que eles conseguiam na época era muito maior do que vieram a conseguir depois. Hoje em dia eles praticamente vivem de mitos da juventude e estão cada vez mais fora da realidade. Mas estão fora da realidade mentalmente, intelectualmente, porque na própria realidade eles não estão deslocados da realidade de maneira alguma, pois estão ocupando os postos e estão no poder realmente; eles têm o poder, eles têm os meios efetivamente. Porém, o conteúdo intelectual da sua visão do mundo empobreceu terrivelmente. Outro dia houve aquele discurso da Marilena Chauí dizendo que o governo militar destruiu a universidade pública para fomentar a universidade privada para atender os reclames da classe média. Isso de fato aconteceu, houve uma expansão da universidade privada, que abriu vagas para todos, mas a destruição da universidade pública não pode ter acontecido desde fora. Na verdade, as verbas para a universidade pública jamais diminuíram, sempre foram aumentando, e a universidade pública só pode ter sido destruída por aqueles que a dirigiam — quer dizer, eles mesmos. Eles nomearam o Paulo Freire patrono da educação brasileira. A nossa educação é a pior educação do mundo, então é uma homenagem inteiramente justa — ele é o patrono da educação brasileira, ele é o pai da porcaria. As pessoas que estão fazendo isso não têm a menor consciência do que estão fazendo, porque elas também não têm educação. São pessoas que não têm educação nenhuma

celebrando um educador que é um sujeito oco, com um discurso completamente vazio, bobo, que é só chavão o tempo todo. Eu mesmo escrevi um artigo chamado “Viva Paulo Freire”, onde mostro depoimentos das pessoas que trabalharam com ele e passaram a vida o estudando e que depois chegaram à conclusão de que não há nada lá, é tudo um *flatus vocis*. Pessoas sem educação homenageando o grande educador que as educou! — é a alienação total. Mas o fato de estarem alienados não quer dizer que eles não tenham os instrumentos na mão; eles são loucos, mas loucos armados. E estão armados, mas não sabem que estão armados e estão com medo.

O auge do medo às vezes coincide com o auge do poder. Se vocês estudarem os dias finais de Stalin, verão que foi exatamente assim. Os dias finais de Hitler também — ele morreu reclamando que não mandava nada, que ninguém o obedecia, mas ele tinha poder total sobre o país e quanto mais poder tinha, menos sentia que tinha. Isso é muito comum nessa gente. Então o Vladimir Safatle está expressando um sintoma.

Aluno: Eu vejo muitas pessoas entusiasmadas com o Putin com os seus supostos apoios à Igreja.

Olavo: Os comunistas não são nem a favor nem contra a Igreja; eles não são a favor nem contra coisa nenhuma. A única coisa que eles são a favor são deles mesmos e do seu acesso ao poder. A fórmula foi dada pelo Saul Alinsky, e saiu até num artigo em que o sujeito colocou “seis princípios do Alinsky”. Esses princípios estão sendo aplicados hoje em dia de uma maneira claríssima. Um deles é o seguinte: tudo na política se refere ao poder, mas para funcionar tem de ser expresso na linguagem da moralidade. Isso quer dizer que os princípios morais ou imorais defendidos por essas pessoas não têm importância nenhuma, pois eles trocam de princípios como quem troca de cueca ou de meia. Então favorecer ou estrangular o movimento gay para eles é a mesma coisa; fazer uma vasta campanha ateaísta ou criar a teologia da libertação é a mesma coisa também. É por isso que não podemos nos iludir jamais e entrar nessas discussões com eles. Eu já lhes dei este exemplo há algum tempo: um sujeito quer comer a sua mulher e, por isso, inventa um jeito de freqüentar a sua casa e o desafia para uma partida de baralho; você está muito contente porque está ganhando a partida de baralho, mas, enquanto isso, ele está comendo a sua mulher.

Não tem sentido discutir esses temas com eles. Vocês têm é de identificar o jogo de poder que está atrás e discutir esse jogo, mas nunca o discurso de fachada. O discurso de fachada não tem importância; quando você ganha o discurso de fachada eles trocam de discurso. Por isso que eu acho que fazer essa campanha contra o homossexualismo é bobagem. O Putin também fez! Mas amanhã ele pode virar o discurso e pronto, acabou! Vocês estão perdendo tempo. Vocês têm é de ver o mecanismo de poder por trás. Há sempre uma luta de poder, só isso, então só interessa desmascarar o mecanismo. Mas quanto ao discurso ideológico, o esqueça!

Outro princípio do Alinsky é que o operador revolucionário nunca pode se ater a um tema específico durante algum tempo, tem-se sempre de estar trocando por outro e outro e outro. Se você se deixa levar por esse debate, será vítima de um interlocutor que está jogando com você uma partida de baralho atrás da outra — termina uma e ele já começa outra. Você se deixará levar por uma coisa totalmente ilusória, uma prestidigitação que foi feita só para jogar areia nos seus olhos.

Um grupo de jovens ativistas conservadores me perguntou certa vez, quando eu estava na Colômbia, o que eles deveriam combater e pelo que deveriam lutar. Eu lhes respondi que isso não é uma luta de idéias, não é uma luta de doutrinas ou uma luta de valores, mas é uma luta contra pessoas, contra indivíduos concretos que ocupam lugares e têm poder. É contra essas pessoas que vocês têm de lutar, são elas que vocês têm de destruir — não as idéias delas, pois elas trocam de idéias, mas continuam no poder. Não interessa o que o sujeito está dizendo e não interessa vencer a tese dele; temos é que tirá-los de lá. É isso que as pessoas têm de entender. E enquanto não entenderem isso, estarão na ilusão. “Ah, mas e o poder das idéias, etc!” Isso é tudo besteira. As idéias, os símbolos não têm poder; só quem tem poder são pessoas, seres humanos — agrupados, organizados, agindo para seus próprios fins. O que eles pretendem fazer, os valores que eles alegam, são apenas o jogo de poder transposto na língua da moralidade para ganhar os corações e mentes. Isso é assim porque eles são hipócritas? Não, não é por isso. É porque isso faz parte da própria dialética do movimento revolucionário: para criar um novo mundo, preciso primeiro ter um poder. O novo mundo é o capítulo dois, e o capítulo dois não pode vir antes do capítulo um. Então, primeiro, eu tenho de conseguir poder. Mas quando terei poder suficiente para mudar o mundo? Jamais! Nenhuma quantidade de poder é suficiente para criar o mundo paradisíaco que eles querem. Quer dizer, a luta pelo poder é infinita e é o único tema do movimento revolucionário. É sempre a luta pelo poder. Portanto, aquela questão do sujeito ser um comunista sincero ou apenas querer poder é uma pergunta irrelevante. Se ele for um comunista sincero, só estará lutando pelo poder, e se ele for um hipócrita também estará lutando pelo poder — assim como o sincero. Ou seja, a sinceridade do comunista consiste naquilo que nós chamamos de hipocrisia. Não percam seu tempo com esses temas.

O Brasil está 100% no BRICS, portanto 100% de mãos dadas com a Rússia. O governo brasileiro fará críticas à Rússia porque ela persegue gays? Nunca! E no Brasil também: se for preciso mudar o discurso e fazê-lo mais moralista, botar todos os gays na cadeia e matá-los todos, farão isso com a maior tranquilidade. É como faziam em Cuba. Mas agora mudou, pois a coisa ficou feia e o Fidel Castro decidiu dizer que está arrependido de ter perseguido os gays. O que ele irá fazer? Pegar os gays na rua, pagar indenização para eles? Não fará nada. Tudo isso é sempre da boca para fora. Eles mudam de idéia e mudam de valores, e só existe uma coisa: a luta constante pelo poder.

Há outra diferença. O pessoal das democracias em geral — os cristãos, etc. — só se movem quando se sentem agredidos e, mesmo assim, fogem enquanto podem, evitam a briga. Só quando estão absolutamente encurralados é que reagem. Mas o pessoal revolucionário não: a luta e a agressão é a vida deles, eles fazem isso 24 horas por dia. É a mesma coisa que comparar um leão e um búfalo: um búfalo é muito mais forte que o leão e pode esfaqueá-lo, mas ele não come o leão, não tem interesse nele; e o leão precisa matar o búfalo para sobreviver, então vive de perseguir búfalos e matá-los. Mas o búfalo não quer briga com o leão. “Para que eu vou brigar? Não tem sentido! Isso não é de comer! Estou interessado aqui nas plantinhas”. Por isso mesmo o búfalo, que é muito mais forte, leva a pior. Às vezes leva a melhor, quando chega à situação de última instância e decide reagir e faz picadinho do leão.

Aqui é a mesma coisa: o revolucionário é um predador, ele vive de comer criancinhas — e criancinhas somos nós. A mentalidade não é a mesma. Enquanto não houver uma mudança de mentalidade, enquanto as pessoas não pararem de lutar pelos seus direitos e lutarem para acabar

com essas pessoas, com os predadores, isso continuará da mesma forma. É preciso acabar com os predadores. Não é assim: “ah, vou salvar a minha galinha porque a raposa quer comê-la”. Não é salvar uma, duas, três galinhas; você tem de matar a raposa! Isso me parece a coisa mais óbvia do mundo. Você não pode ser nem um predador nem uma galinha ou uma ovelha; você tem de ser o dono responsável pelo rebanho. Tem o dono e o cão de guarda, que servem para isso. Mas estão faltando pastores e cães de guarda; só temos, atualmente, ovelhas e galinhas — este é o problema.

Por hoje já fomos longe demais. Semana que vem continuamos com o Lavelle, ainda temos muita coisa para falar sobre ele. Até semana que vem e obrigado.

Transcrição e revisão: Mariana Belmonte

Revisão final: Fernando José da Silva